

## **ASPECTOS HISTÓRICOS DO JUDÔ OLÍMPICO**

Juliana Bastos Marques<sup>1</sup>  
Bianca Miarka<sup>2</sup>  
Giovanna Carla Interdonato<sup>3</sup>  
Clóvis Corrêa Luiz Júnior<sup>4</sup>

### **Resumo**

*Este trabalho procura fazer uma leitura histórica da presença do judô como modalidade olímpica, examinando primeiramente a atuação de seu criador, Jigoro Kano, no Comitê Olímpico Internacional e o processo de inserção do judô no quadro de esportes olímpicos. Desde a primeira participação do judô nos jogos de Tóquio, em 1964, onde já competiram atletas brasileiros, a modalidade tem se modificado em importantes aspectos técnico-táticos, nas regras e na evolução dos métodos de treinamentos. A diversificação nos estilos de luta e as pesquisas aplicadas na área de Esporte também desenvolveram uma perspectiva de expansão mundial nos resultados olímpicos.*

**Palavras-chave:** *Judô, Jogos Olímpicos, Inovações no esporte.*

Os esportes de elite no século XXI apresentam profundas diferenças quando comparados com os primeiros campeonatos olímpicos da era moderna. No judô, alguns exemplos desse processo de mudança são as várias modificações técnico-táticas, alterações nas regras oficiais e a evolução dos métodos de treinamento seguidos através do implemento de equipamentos, como o uso de borrachas, máquinas de exercícios resistidos e tatames com menor impacto (SIKORSKI, 2005; BLAIS e TRILLES, 2006).

A primeira vez que o judô esteve presente em uma competição olímpica foi em 1932, em Los Angeles, onde seu criador Jigoro Kano e 200 alunos fizeram uma demonstração da modalidade (BRUNO, 1950). Mas apesar do bom relacionamento entre Kano e o barão Pierre de Coubertin, a introdução dessa modalidade nos Jogos Olímpicos ocorreu a longo prazo, e a consolidação do judô como esporte olímpico se deu apenas três décadas após o falecimento de seu criador. Desde 1909, Jigoro Kano era membro do Comitê Olímpico Internacional; em 1912, ele foi à Europa para assistir a V Olimpíada, em Estocolmo, na Suécia – a primeira olimpíada com participação japonesa - e nesta ocasião foi homenageado pelo rei da Suécia por seus esforços para promover o desporto dentro de um espírito elevado. Mas é em 1920, através da viagem à Bélgica, em Amberes, que ele retorna para a Europa, com o objetivo de divulgar sistematicamente o combate de judô (DEL VECCHIO e MATARUNA, 2004).

Através da atuação de Kano no Comitê Olímpico Internacional como representante do Japão, o caminho foi se abrindo para a introdução do judô nos jogos. Considerando-se o perfil amador do esporte olímpico até a metade do século XX, é

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP

<sup>2</sup> Mestranda em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte, USP. Grupo de Estudos em Lutas, Artes Marciais e Modalidades de Combate – EEFE/USP.

<sup>3</sup> Graduandos em Esporte pelo Centro de Educação Física e Esporte, UEL. Grupo de Pesquisa em Lutas e Artes Marciais – CEFE/UEL.

<sup>4</sup> Graduandos em Esporte pelo Centro de Educação Física e Esporte, UEL. Grupo de Pesquisa em Lutas e Artes Marciais – CEFE/UEL.

possível traçar o envolvimento cada vez mais intenso de Kano através de sua ênfase no caráter educativo e moral que o judô proporcionaria ao resto do mundo, através do princípio de *Jita kyoei* (prática para benefício mútuo). Os escritos de Kano e suas conferências ao redor do mundo revelam sua intensa preocupação com tais aspectos de formação filosófica, e, juntamente com o outro princípio fundamental do judô, *Seryoku zenyo* (máxima eficácia com mínimo esforço), vê-se que seu objetivo principal era divulgar um esporte essencialmente japonês que fosse coincidente com os princípios olímpicos ocidentais imaginados por Coubertin (KANO, 2005).

Com sua presença nos jogos de Berlim em 1936, Jigoro Kano assegurou para o Japão a sede da Olimpíada que seria realizada em 1940 (JOSEPH, 2004). A eclosão da IIa. Guerra Mundial não permitiu a realização da Olimpíada, mas Kano morreu antes do anúncio da suspensão dos jogos, em 1938. Com a retomada da paz e da realização regular do evento, foi apenas em 1964 que a proposta japonesa de sediar as Olimpíadas finalmente se concretizou.

Atualmente, os Jogos Olímpicos são os principais eventos do judô internacional, a partir da incorporação da modalidade em Tóquio, em 1964. Nesse primeiro ano, apenas 74 participantes de 27 países garantiram participação - dentre eles, o Brasil, com destaque para Lhofei Shiozawa, que garantiu a quinta colocação entre os médios. Shiozawa, em entrevista recente, afirmou que não dimensionou a importância histórica de sua participação e declarou que, se tivesse treinado adequadamente, poderia ter conquistado medalha; em Munique, em 1972, o brasileiro Chiaki Ishii conquistou a primeira medalha na modalidade, com o bronze no meio pesado, além de obter o 7º lugar entre os absolutos. Porém, Ishii afirmou também sua insatisfação, pois buscava o ouro (FIORATTI, 2008). Já em Los Angeles, no ano de 1984, houve um aumento no número de títulos conquistados pelos brasileiros: duas medalhas de bronze, na categoria leve com Luís Omura e no peso médio Walter Carmona, e uma de prata no meio pesado, pelo atleta Douglas Vieira. Em Seul, 1988, surge a primeira medalha de ouro para o judô brasileiro, com o meio pesado Aurélio Miguel (LANCELLOTTI, 1996). Nessa ocasião ficou evidente nos combates do judoca a exímia tática baseada em estratégias competitivas para garantir a vitória. Aurélio direcionava a luta para situações em que o adversário fosse punido, pois cada punição remeteria a novas pontuações. Além disso, durante o combate, o lutador constantemente mudava seus movimentos na tentativa de aumentar a imprevisibilidade de suas ações; nessa época, lutar com uma pegada inversa, de esquerda, como Aurélio fazia, também dificultava o planejamento e execução de uma resposta efetiva por parte do oponente.

Em 1992, em Barcelona, quando o meio leve Rogério Sampaio Cardoso conquista o ouro na competição, houve a estabilização na quantidade das categorias de peso e a incorporação da competição feminina, totalizando 437 participantes de 93 países. De fato, o número de categorias de peso aumentou com o passar dos anos: nas Olimpíadas de Tóquio eram apenas três categorias, todas no masculino. Em Munique, no ano de 1972, as categorias foram expandidas para seis, incluindo a categoria absoluto. Em 1992 essa categoria foi retirada e as mulheres passaram também a competir; assim, as categorias de peso foram subdivididas em sete para ambos os sexos - o que permanece até os dias atuais, como mostrado na tabela 1:

**Tabela 1.:** Categorias atuais de peso em competições olímpicas de judô.

<i>Categoria</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Ligeiro	- 60 kg	- 48 kg
Meio-leve	- 66 kg	- 52 kg
Leve	- 73 kg	- 57 kg
Meio-médio	- 81 kg	- 63 kg
Médio	- 90 kg	- 70 kg
Meio-pesado	- 100 kg	- 78 kg
Pesado	+ 100 kg	+ 78 kg

A despeito do aumento na quantidade de categorias, houve uma estabilização no quadro de medalhistas brasileiros. De fato, os resultados obtidos em Atlanta, 1996, demonstraram isso: apenas dois atletas conquistaram a medalha de bronze, o meio-leve Henrique Guimarães e novamente o meio-pesado Aurélio Miguel. Nessa década, discutia-se sobre as grandes modificações que estavam ocorrendo: a maior parte dos estudos enfatizava os aspectos fisiológicos como necessários para o alto desempenho no combate, exemplificados pela força exibida pelos russos (LITTLE, 1991). O judô brasileiro passava por um ciclo de inovação no Comitê Técnico, o que dificultava o implemento de uma sistematização no treinamento dos atletas. Apesar das dificuldades, em Sidney, novamente foram conquistadas duas medalhas: no meio-médio com Tiago Camilo e no médio Carlos Honorato obtiveram segundo lugar. Na cidade de Atenas, em 2004, mais duas, porém agora de terceiro lugar, pelo meio-médio Flávio Canto e outra do peso leve Leandro Guilherme.

Para o ano de 2008, a expectativa era o alto do pódio. Neste ciclo olímpico, houve um investimento inédito, e foi realizado o que os dirigentes definiram como a melhor preparação da história. Porém, a equipe nacional não conseguiu atingir a meta estipulada pela Confederação Brasileira de Judô, que almejava uma medalha de ouro dentre as três prometidas (FERRARI, 2008; CUNHA, 2008). Apesar de conquistar apenas três bronzes, dois dos quais novamente pelos judocas Leandro Guilherme e Tiago Camilo, houve um destaque nos Jogos chineses: a peso leve Ketlyn Quadros foi responsável pela primeira medalha no judô feminino brasileiro. Nesses Jogos, o judô do Brasil acabou somente no quinto lugar dentro de sua própria história em Olimpíadas. Esse resultado reflete limitações na preparação dos atletas, pois quando observados os combates, aparentemente, o componente tático possuiu deficiências nas estratégias e nos direcionamentos utilizados. A análise do perfil dos judocas adversários é uma abordagem importante para entender como eles utilizam a tática na tentativa de vencer uma competição. Por isso, é uma prática comum por parte de técnicos e estudiosos europeus, sendo crucial hoje em dia, quando se objetiva resultados competitivos (SIKORSKI et al. 1987; CASTARLENAS e PLANAS, 1997; BOGUSZEWSK, 2006).

Na Alemanha são registrados dados referentes aos países, categorias de peso e atletas individuais no que diz respeito aos aspectos técnicos e táticos, classificação e características tipológicas. Esses dados são parte de um banco de informações que tem sido alimentado desde os Jogos Olímpicos de 1988 - até o Campeonato Europeu de

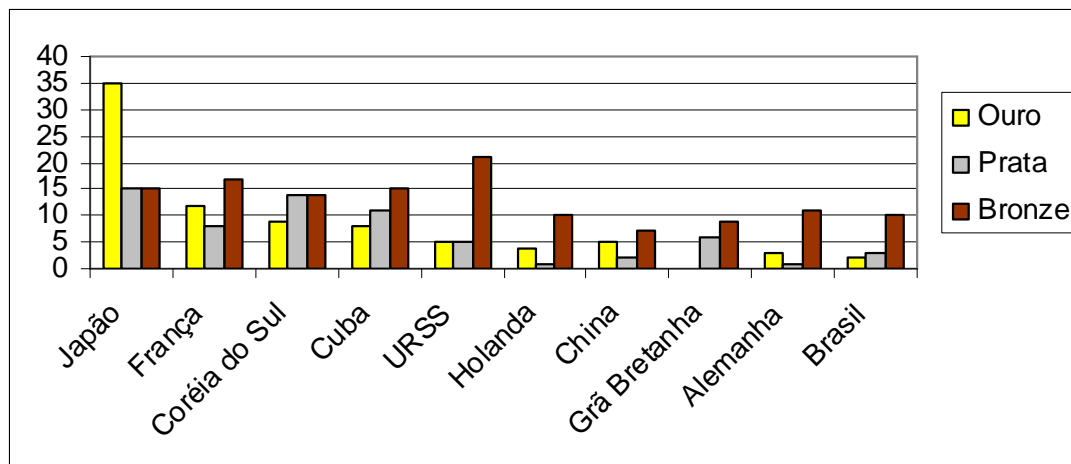
1995 existiam análises de gravações de 2768 lutas pertencentes a 1728 atletas de várias partes do mundo (HEINISCH, 1997). Com esse tipo de informação, a orientação da tática a ser empregada pelo atleta ao enfrentar determinado adversário em competições importantes, como os Jogos Olímpicos, passa a ser mais eficaz.

Essas análises observacionais sobre como lutadores de elite atuam em diferentes situações podem ser úteis no treinamento técnico-tático desses mesmos lutadores, visando à elaboração de estratégias para contrapor as principais ações realizadas pelos oponentes (FRANCHINI et al., 2008; STERKOWICZ e FRANCHINI, 2000). Através disso e de implementos na preparação física de atletas, diferentes países de todo mundo conseguiram obter resultados positivos nos últimos Jogos. Eram grandes as expectativas sobre os resultados do Japão em Pequim, mas este país encerrou a competição com quatro medalhas de ouro, ou seja, apenas com metade dos títulos que o país conquistou em Atenas, 2004. Em segundo lugar ficou a China, com três medalhas de ouro e uma de bronze, todas da equipe feminina, seguida pela França e pela Coreia do Sul.

A evolução na tecnologia da informação auxiliou na caracterização das estratégias de lutas realizada pelos países que disputam os Jogos Olímpicos no judô. Nações como a França, Alemanha e Polônia possuem interessantes meios para recolher informações o que possibilita realizar inferências sobre modelações e diferenciações do aspecto técnico-tático entre atletas; adicionalmente, isso passa a auxiliar no desenvolvimento e treinamento de praticantes em formação desses mesmos países (NEVIL et al., 2008; CALMET, 2007; KALINA e STUSINSKI, 2004).

Caso Jigoro Kano e seus discípulos tivessem assistido os torneios olímpicos mais recentes de judô, provavelmente ficariam surpresos pela popularidade e pelas mudanças que ocorreram na modalidade em seus 126 anos de existência, desde modificações correlacionadas à tática de pegada e golpes para projeção do oponente até referências de etiqueta para atletas e árbitros (TOKARSKI, 1987). Desde a primeira Competição Olímpica em Tóquio, o judô tem se modificado em importantes aspectos: como citado, o número de categorias de peso aumentou; a duração do combate reduziu de vinte para cinco minutos, os lutadores passaram a utilizar duas cores de judogui, branco e azul, e foram feitas modificações nas regras para estimular o contexto de luta e torná-la mais atrativa e espetacular aos espectadores (OHLENKAMP, 2006). Essas modificações foram primeiramente introduzidas pela União Européia de Judô e contestadas pela Federação Japonesa a partir da alegação da continuidade da tradição no esporte. Do ponto de vista europeu, essa oposição japonesa decorre do objetivo de não perder seu domínio em combates internacionais (SIKORSKI, 2005); de fato, essa hegemonia é mais transparente nas primeiras competições olímpicas, de 1964, 1972 e 1976, nas quais os japoneses conquistaram um total de dez medalhas, oito de ouro e duas de prata, enquanto os outros países totalizavam três medalhas de ouro e doze de prata. Foi um grande impacto para os lutadores japoneses a vitória de Anton Geesink, da Holanda, no torneio mundial de judô de 1961, e também a medalha de ouro por ele conquistada em 1964 na vitória sobre Akio Kaminaga. Ainda hoje, porém, o Japão é o país melhor colocado em âmbito mundial, como mostra o gráfico 1 com o quadro total de medalhas de todos os torneios olímpicos.

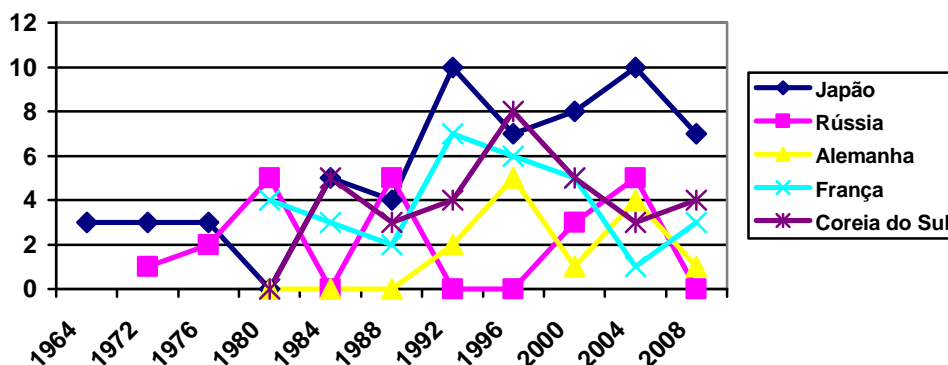
**Gráfico 1.:** Quadro de medalhas dos dez países melhores colocados em Jogos Olímpicos de 1964 a 2008.



O aumento no número de competições internacionais, a gradual profissionalização do esporte e a busca por medalhas olímpicas estimularam o treinamento de diferentes métodos de combate de agarre para potencializar resultados nos combates olímpicos de judô. Competidores franceses ficaram famosos pela capacidade tática, assim como era evidente a excelência na preparação física que os soviéticos possuíam para essas competições. A diferenciação do estilo russo foi uma tendência que se tornou bastante popular a partir da década de 1980, assimilando o sambo, uma luta com técnicas desenvolvidas na União Soviética que agregava o judô e os estilos tradicionais de luta da Geórgia e de outras repúblicas da região da Ásia Central. Tais estilos aliavam uma defesa forte com a habilidade de aplicar técnicas como catadas de perna e pegadas firmes nas costas para manter o centro de gravidade baixo; vemos ainda hoje como a influência do sambo tem determinado mudanças táticas no judô olímpico, até mesmo como resposta à utilização desse estilo pelos seus criadores. Brasileiros, poloneses, alemães e holandeses, bem com os franceses, eram mais similares ao estilo de combate japonês (SIKORSKI, 2005).

A heterogeneidade nos estilos desenvolveu uma nova perspectiva mundial para a modalidade. Os países passaram a visar o domínio do quadro de medalhas, com estratégias que envolveram a realização de pesquisas aplicadas especificamente para o judô. As políticas econômicas, como os projetos governamentais europeus e asiáticos, afetaram positivamente o desenvolvimento esportivo em alguns países, o que também contribuiu para uma maior diversificação das vitórias entre as nações, como mostra o gráfico 2.

**Gráfico 2.:** Comparação no Quadro de Medalhas dos Jogos Olímpicos.



Apesar da queda observada na última Olimpíada na China, o Japão continua na liderança de medalhas olímpicas quando comparado aos resultados de outros países. Isso foi evidenciado no desempenho japonês em Atenas, onde as adaptações biomecânicas na puxada e nos aspectos técnico-táticos garantiram ao país criador do judô a demonstração da sua força na modalidade, ilustrada por oito medalhas de ouro e duas de prata (OHLENKAMP, 2005). Entretanto, desde 1988, judocas europeus conquistam no total mais medalhas olímpicas do que os japoneses. Trinta e três países já conseguiram títulos Olímpicos no judô; dessa forma, fica claro que atualmente os campeões olímpicos representam diversos países de todas as partes do mundo. A difusão da modalidade em âmbito mundial aumentou o implemento de inovações importantes, como a promoção do esporte-espetáculo e o desenvolvimento de pesquisas científicas para a melhora do desempenho. Hoje em dia, técnicos e dirigentes possuem fácil acesso a instrumentos para uma preparação o mais completa possível do atleta na busca de resultados olímpicos, o que contribui significativamente para as modificações que ocorrem ao longo do tempo na estrutura da luta. Cabe aos comitês olímpicos acompanharem as modificações e potencializarem o treinamento dos atletas com o implemento de tecnologias e aprimoramento estratégico para garantir o sucesso dentre as diferentes nações.

## REFERÊNCIAS

- BOGUSZEWSKI, D. Fight dynamics of the double Olympic Champion in judo (1988, 1992). *Journal of Human Kinetics*. v.16, n.1, p.97-106, 2006.
- BRAIS, L.; TRILLES, F. Training with a judo-specific machine. *Combat Sports Special Issue Research article*. p. 132-135, 2006.
- BRUNO, E. The Development of Judo Weight Classes. Disponível em <<http://www.judoinfo.com/bruno2.htm>> . Acesso em: 02.08.2008.



CALMET, M. Observation Assistee en Judo Par Les Technologies Interactives. *In: Les 9èmes JORRESCAM, 2007, Toulon. Les 9èmes JORRESCAM - Organisations et programmes. Toulon: Université du Sud Toulon-Var, 2007. v.1, p.07-12.*

CASTARLENAS, J. L.; PLANAS, A. Estudio de la estructura temporal del combate de judo. *Apuntes - Educación Física y Deportes. n. 47, p. 32-39, 1997.*

CUNHA. C. A. M. C. Como antecipado, começam as 'explicações' sobre os resultados. Disponível em <<http://www.judobrasil.com.br/2008/divulg370.htm>>. Acesso em 16.08.2008.

DEL VECCHIO, F.B.; MATURANA, L. Jigoro Kano e barão de Coubertin: nuances de um pré-olimpismo no oriente. *Efdeportes. Buenos Aires. n.68, sep./2004* Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd68/kano.htm>. Acesso em: 20/06/2008.

FERRARI, L. Bronze triplo no tatame frustra Brasil. *Folha de São Paulo, São Paulo, 16 ago. 2008. Folha de Esporte, p.D5.*

FIORATTI, G. Mestres do tatame. *Revista da Folha, São Paulo, 17 ago. 2008, p.29.*

FRANCHINI, E.; STERKOWICZ, S.; MEIRA, C. M. Jr.; GOMES, F.R.F.; TANI, G.; Technical Variation in a Sample of High Level Judo Players. *Perceptual and Motor Skills. n.106, p.859-869, 2008.*

HEINISCH, H. D. L'Analisi dell'allenamento e della gara nel judo. *Sds/Rivista di Cultura Sportiva. anno XVI, n. 37, p. 53-62, 1997.*

JOSEPH, R. Fulfilling His Duty as a Member: Jigoro Kano and the Japanese Bid for the 1940 Olympics. *Journal of Combative Sport. Disponível em <[http://ejmas.com/jcs/2004jcs/jcsart\\_svinth\\_0504.htm](http://ejmas.com/jcs/2004jcs/jcsart_svinth_0504.htm)>. Acesso em: 12.08.2008.*

KALINA, R.M.; STUSINSKI, T. Analysis of struggle dynamics in world elite fencers. *Physical Education and Sport. v. 48, n. 4, p. 317-324, 2004.*

KANO, J. *Mind over Muscle: writings from the founder of judo.* United States: ed. Kodansha International, 2005.

KANO, J. *The contribution of judo to education.* Disponível em <<http://www.judoinfo.com/kano.htm>>. Acesso em: 10.08.2008.

LANCELLOTTI, S. *Olimpíada 100 Anos.* São Paulo: ed. Nova Cultural e Círculo do Livro, 1996.

LITTLE, N. G. Physical performance attributes of Junior and Senior women, Juvenile, Junior and Senior men judokas. *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness. v. 31, p. 510-520, 1991.*

NEVILL, A.; ATKINSON, G.; HUGHES, M. Twenty-five years of sport performance research in the Journal of Sports Sciences. *Journal of Sports Sciences*. n.26, v.4, p. 413-426, 2008.

OHLENKAMP, N. *The Evolution of Judo Contest Rules*. Disponível em <<http://www.judoinfo.com/rules2.htm>>. Acesso em: 20.06.2007.

OHLENKAMP, N. *Trends in Olympic Judo Competition*. Disponível em <<http://www.judoinfo.com/champs2.htm>>. Acesso em: 10.08.2007.

SIKORSKI, W. Changing judo in changing Europe on the identity of combat sports in the era of integration and globalization. *Archives of Budo*. vol. 1, p. 27-30, 2005.

SIKORSKI, W.; MICKIEWICZ, G.; MAJLE, B.; LAKSA, Cz. Structure of The Contest And Work Capacity of The Judoist. *Institute of Sport, Department of Theory of Sport, Department of Physiology, Data Base Center, and Polish Judo Association, Warsaw, Poland*, pp. 59-65, 1987.

STERKOWICZ, S.; FRANCHINI, E. Techniques used by judoists during the World and Olympic tournaments 1995-1999. *Human Movement*. v. 2, n. 2, p. 24-33, 2000.

TOKARSKI, S. *Judo – sport and philosophy*. Proceedings of the. International Congress of Judo. Spała, p. 1–4, 1987.